

## **NO REINO DE DEUS NÃO HAVERÁ ESCRAVOS: A PRÁTICA TEOLÓGICA DE ROBERT KALLEY, A IGREJA FLUMINENSE E A ESCRAVIDÃO NO BRASIL IMPERIAL**

*Bruno César Cordeiro de Araújo<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O protestantismo que Robert Reid Kalley trouxe para o Brasil no século XIX, contribuiu de diversas maneiras com a causa evangélica no país, e, dentre tantas contribuições, talvez, uma das mais belas, tenha sido sua revolta contra a imoralidade da escravidão praticada em solo brasileiro. Este trabalho pretende apresentar, de maneira limitada, as batalhas que, o pioneiro do “protestantismo missionário”, Robert Kalley, e, a Igreja Fluminense, travaram contra o sistema escravista praticado no Brasil. Buscou-se investigar como os primeiros congregacionais enxergavam o regime escravocrata e o lugar das pessoas escravizadas dentro da nova igreja protestante que surgia no país.

**Palavras-chave:** Protestantismo. Congregacionalismo. Pessoas escravizadas.

### **1 INTRODUÇÃO**

A cidade que acolheu Robert Reid Kalley e sua esposa Sarah Poulton Kalley, em 1855, era uma espécie de esquina do mundo à época. No Rio de Janeiro, em meados do século XIX, “praticamente todos os navios que partiam da Europa e dos Estados Unidos paravam antes de seguir para a Ásia, África e as terras recém-descobertas no Pacífico Sul” (Gomes, 2007, p. 153). Por causa de sua localização geográfica privilegiada, o Rio de Janeiro era, provavelmente, àquela fase histórica, o porto mais bem localizado do mundo para o comércio. A chegada à cidade impressionava o viajante pela beleza das paisagens. Ao pisar em solo carioca, em 1832, o naturalista

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UNICAP. Bacharel em Teologia pelo Seminário teológico Congregacional do Nordeste. Licenciado em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Pós-graduado em História do Nordeste pela UNICAP. Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional. Diretor do Departamento de Educação Teológica da Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil desde 2010. Contato: rbruno4@hotmail.com

inglês, Charles Darwin, famoso autor da teoria da evolução das espécies, não poupa elogios:

[...] sublime, pitoresca, cores intensas, predomínio do tom azul, grandes plantações de cana-de-açúcar e café, véu natural de mimosas, florestas parecidas, porém mais gloriosas do que aquelas gravuras, raios de sol, plantas parasitas, bananas, muita água [...], as margens cheias de árvores e lindas flores" (Gomes, 2007, p. 154-155).

Essa bela impressão, todavia, se desvanecia quando o visitante se aproximava e penetrava a cidade adentro. O cenário era desolador, ruas sujas, repletas de ratos e moscas, malcheirosas e de uma imundície incomunicável, era o que aguardava o viajante que chegava à sede do Império. A construção de fossas sanitárias era proibida, já que os lençóis freáticos eram bem superficiais, de modo que o resultado dessa falta de planejamento era desastroso para a cidade. Os dejetos humanos acumulados durante toda a noite pela população eram carregados em toneis por escravos para despejá-los no mar. Evidentemente, parte dessa sujeira também seguia sendo derramada pelas ruas da cidade, deixando um mau cheiro insuportável. Some-se a isso, o fato de que toda essa falta de higiene, aliada ao forte calor com altas temperaturas, provocava várias epidemias e mortes na capital do Império. Esse estado de coisas evidentemente causava incontáveis prejuízos sanitários a cidade do Rio de Janeiro, bem como a outras regiões do país.

## **2 O CASAL KALLEY CHEGA AO BRASIL**

É nesse cenário, um tanto quanto problemático, que, o casal de missionários chega ao Rio de Janeiro, em 10 de maio de 1855, com o propósito de divulgar sua fé. O impacto por eles sofrido foi imediato, o choque cultural foi tão grande que chegaram a questionar se deveriam mesmo permanecer no Brasil (Rocha, 2013a, p. 30). Passados os primeiros momentos de tensão, concluíram que não se adaptariam à situação no Rio, puseram-se, então, a procurar um lugar onde pudessem residir e iniciar suas

atividades. Após procura exaustiva, conseguiram uma boa residência em Petrópolis, onde tanto o clima como a cidade eram mais agradáveis para eles. Uma vez instalados, iniciaram suas atividades com a ajuda de um jardineiro português e duas criadas alemãs que, participavam, todas as noites, dos cultos realizados por Kalley em sua casa. Em 19 de agosto de 1855, Sarah instala a primeira escola dominical de existência continuada no país com a presença de cinco famílias estrangeiras. Parece que, antes da chegada de Kalley, não houve propaganda religiosa no Brasil, tinha-se apenas distribuição de Bíblia (Rocha, 2013a, p. 30).

O Dr. Kalley mostrou interesse pela evangelização dos negros e negras no Brasil. Poucas semanas após ter se instalado no país, Kalley, volta suas atenções para um grupo marginalizado, as pessoas negras. Desde o início, “[...] o Sr. Dr. Kalley dirigia uma classe composta de homens de cor, com os quais conversava a respeito das Escrituras” (Rocha, 2013a, p. 33). O Dr. Kalley era de fato um homem a frente de seu tempo, e assim permaneceu sendo durante todo o período no qual esteve vivendo e atuando no Brasil do século XIX. Do ponto de vista da estratégia, não era uma boa ideia um estrangeiro desejoso de se estabelecer no país e praticar sua religião, demonstrar interesse por homens negros em um contexto de mentalidade totalmente escravocrata. Era correr o risco de se tornar *persona non grata* naquele contexto. Mas, parece que isso não o intimidou, e, Kalley fez uma opção de se aproximar dessa fatia da sociedade para oferecer a mensagem do evangelho. Desde cedo, o Dr. Kalley mostrou interesse pelos negros e defendeu a abolição da escravidão. Esse posicionamento era bastante desafiador, pois o Brasil, dessa época, dependia e, muito, da mão de obra escrava. Para se ter uma ideia, “entre os anos de 1841 e 1850, 83% do total de africanos transportados para a América viriam para o Brasil, 12% iriam para Cuba e o restante se dividiria entre Porto Rico e os Estados Unidos” (Schwarcz, 2004, p. 102). Esses números assustadores, nos fornecem uma ideia de até onde Kalley estava disposto a ir para cumprir sua missão de proclamar a mensagem que se sentia chamado a divulgar. Não cremos que

ele estivesse alienado do que a escravidão e a mão de obra escrava significassem para o Brasil de sua época, pelo contrário, ele sabia exatamente qual era o cenário que estava diante de si. Ele decidiu, posicionar-se em uma direção oposta a tudo o que estava acontecendo no entorno de suas ações

### **3 A POSIÇÃO DE KALLEY SOBRE A ESCRAVIDÃO E A REAÇÃO DA IGREJA FLUMINENSE**

O posicionamento adotado por Kalley sobre o problema da escravidão no Brasil, influenciou profundamente, a Igreja Evangélica Fluminense. Fundada por Kalley, desde cedo contou com uma presença significativa de membros negros, escravos e livres em seus quadros. É interessante notar que, por volta do ano de 1862, quando a Igreja já estava organizada, o presbítero Francisco da Gama, em uma carta, fornece a notícia de que:

[...] este domingo passado, tivemos a Ceia do Senhor: recebemos mais um membro. Foi batizada e sentou-se à mesa conosco Leopoldina, irmã do Félix: é escrava, porém tem dado testemunho de que ama a Jesus e a Igreja julgou que era direito recebe-la [sic] (Rocha, 2013a, p. 200).

Não é difícil imaginar o que isso representava para essas pessoas que, diariamente e, por toda a vida, eram desprezadas, injustiçadas, violentadas e marginalizadas. Num contexto em que esses indivíduos eram espoliados de sua humanidade e reduzidos à categoria de “não-ser”, de “não-gente”, de “não-pessoa”, encontrar uma comunidade onde fossem aceitos e reconhecidos, era de fato, um processo de empoderamento de uma nova realidade, uma realidade que os humanizava e que também, os fazia enxergar humanidade nos outros. A participação na Ceia do Senhor é muito cara para os protestantes. Tem acesso a mesa do Senhor, para participar da Eucaristia, apenas quem é reconhecido e honrado como “irmão”, e, portanto, como “igual” e “co-herdeiro” dos mesmos direitos na comunidade e no reino de Deus, nesse mundo e, no por vir. Ter pessoas escravizadas, sentando-se a mesa da sagrada comunhão nas mesmas condições de

qualquer outro irmão na igreja, é de um poder extraordinário! É, em certo sentido, e em sua própria medida, algo profundamente libertador. Essa experiência, ocorrida no seio da Igreja Evangélica Fluminense, lembra-nos o próprio registro bíblico na carta do Apóstolo Paulo escrita a Filemom que, tendo um escravo chamado Onésimo, amargou o prejuízo de sua fuga, mas, agora, recebe uma carta do velho Apóstolo que, após encontrar o escravo fujão, lhe fala do evangelho de Cristo e captura seu coração e alma. Agora, o antigo escravo volta a seu antigo dono com uma carta de Paulo com uma bela e comovente recomendação que vai do verso 8 ao 18 daquela epístola.

Paulo diz a Filemom que receba a Onésimo “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo” (Filemom, 1:16). E era assim que Onésimo se sentia, se não para o império Romano, com certeza para a Igreja. Assim também, a irmã Leopoldina, a escrava pertencente a Igreja Fluminense, que, apesar de sua condição de “escrava... tem dado testemunho de que ama a Jesus e a Igreja julgou que era direito recebe-la [sic]” (Rocha, 2013a, p. 200). Certamente, receber esse reconhecimento público de toda uma comunidade onde sua fé era praticada, com certeza era experimentar uma profunda sensação de acolhimento, reconhecimento e de fortalecimento diante de um sistema tão perverso como a instituição da escravidão. Não somos capazes de traduzir em palavras, o que, tal iniciativa significou para as pessoas em situação de escravidão naquele contexto.

#### **4 INVESTIDAS MAIS AGRESSIVAS DE KALLEY E DA IGREJA FLUMINENSE CONTRA O SISTEMA ESCRAVOCRATA NO BRASIL**

Somos informados que Kalley visitava senhores de escravos para aconselhá-los a emancipar seus escravos (Rocha, 2013b, p. 200). O que significava um ousado atrevimento da parte do missionário protestante, algo quase impensável para a época. A Igreja Fluminense mantinha reuniões de oração para socorro dos que sofriam, dos cristãos em perigo e pela

libertação dos escravos, e isso nos idos de 1867 (Rocha, 2013a, p. 178). E, por fim, a Igreja chegou a excluir um membro que possuía escravos, mas se negava a libertá-los, passando a ter nenhuma tolerância para com os senhores de escravos. O secretário da Igreja, que possuía escravos, logo tratou de libertá-los. Também um diácono da Igreja que possuía dois escravos os libertou (Rocha, 2015, p. 221). Essas eram as consequências das ações que a Igreja estava tomando sob a forte influência de seu destemido pastor. Na Assembleia da exclusão do membro que não quis libertar seus escravos, Kalley apresentou um sermão condenando a prática famigerada da escravidão. Segundo o doutor:

O escravo não é *filho* do seu proprietário; não trabalha *porque* o *ama* nem *porque quer ser generoso*, trabalha para ele como uma besta, sem obter recompensa de espécie alguma do seu trabalho: o escravo só trabalha, porque *teme* as *ameaças* de pancadas e castigos deshumanos, da parte de um roubador da liberdade alheia! O *senhor* que procede d"esse modo, é *inimigo de Cristo*: não pode ser membro da Igreja de Jesus, d" *quelle* Jesus que nos resgatou da maldição (Gal. 3:13) e da lei do pecado e da morte (Rom. 8:2) e *nos deu a liberdade*, fazendo-nos FILHOS DE DEUS (Rom. 8:15 e 16) [sic] (Rocha, 2013a, p. 82).

Parece-nos que, entre os senhores de escravos e os irmãos escravizados, Kalley não teve dúvidas sobre de que lado ficar. Ele endureceu o tratamento contra aqueles que insistiam em manter cativos os seus próprios irmãos na fé, pessoas por quem Cristo havia morrido para que fossem livres. Essa postura da Igreja e de seu Líder, fazia com que homens negros, escravos e libertos, se interessassem pelas atividades desenvolvidas pela Igreja. Por isso, Kalley e sua Igreja, atraíam as pessoas negras para ouvirem sua mensagem. A pregação de Kalley não soava hipócrita ou oportunista para essas pessoas, elas realmente se sentiam incluídas naqueles sermões e no tipo de vida experimentada pela Igreja. Por isso era comum a presença de pessoas negras nos cultos que eram organizados por Kalley. Somos informados que "Durante o dia, o doutor encontrou alguns homens de cor, com quem conversou sobre a eternidade" (Rocha, 2015, p. 208) em outra

ocasião nos é dito que “os homens de cor também compareceram, em número de 17, não obstante a chuva abundante que caía” (Rocha, 2015, p. 208). Em um desses cultos, alguém registrou que “um preto, que ouvia a um canto, não podia reprimir as lágrimas que mostravam o quanto a leitura da vida de Jesus lhe tocava no íntimo” (Rocha, 2013a, p. 228). De fato, a Igreja Fluminense foi o palco onde se testemunhou a conversão de muitos homens e mulheres negros a mensagem do protestantismo. Somos informados acerca de uma mulher preta que decidiu verificar como eram as reuniões na Igreja, os registros informam que “O Dr. Notou logo que ela dava profunda atenção a tudo o que via e ouvia. Voltou no domingo... e assistiu as três reuniões desse dia [sic]” (Rocha, 2013b, p. 62). Ao que nos parece, Kalley acompanhava com atenção a resposta que essas pessoas ofereciam as pregações e cultos dirigidos por ele. Foram muitas as contribuições deixadas pelo trabalho do médico inglês, e, entre tantas, seu firme posicionamento contra a escravidão, e a defesa pelo bem-estar dos escravizados, nos encanta, e, coloca todo o protestantismo no Brasil, mais uma vez, em dívida para com o seu importante legado.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Se com esse breve ensaio, conseguirmos de alguma forma, e, em algum grau, despertar o interesse do leitor para refletir com responsabilidade sobre a contribuição de Kalley e do congregacionalismo na luta contra a escravidão no Brasil, estaremos satisfeitos. Essas foram contribuições que jamais devem ser olvidadas pelas comunidades protestantes no Brasil. Kalley suportou as violências das perseguições religiosas, travou enorme batalha com a imprensa, com o clero católico de mentalidade ultramontana, e expôs a incompatibilidade da escravidão com o evangelho de Cristo. Suas atividades no Brasil foram encerradas em 10 de julho de 1876, quando retornou para sua terra. Da Escócia continuou a se comunicar com as várias Igrejas frutos do seu trabalho no Brasil, em Portugal e Illinois e, finalmente, faleceu no dia 17 de janeiro de 1888. Sarah sobreviveria a ele por cerca de

20 anos. Ela gastou o resto de sua vida no trabalho missionário, criou uma agência para ajudar o trabalho missionário no Brasil que se chamava “*Help for Brazil*”. Através dessa missão continuou auxiliando a obra que seu marido iniciara em meados do século XIX no Brasil.

## REFERÊNCIAS

*BÍBLIA Sagrada*. Revista e Atualizada. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

GOMES, Laurentino. *1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil Ltda, 2007.

ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do Passado*. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013a. Vol. I.

ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do Passado*. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013b. Vol. II.

ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do Passado*. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2015. Vol. III.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2004.